



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS FASA
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO: JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA ACADÊMICA
PROFESSOR ORIENTADOR: LUZIA GIFFONI**

PROGRAMAÇÃO EDUCATIVA INFANTIL: UMA POSSIBILIDADE NÃO EXPLORADA

**DAISY SHARON DE ARAÚJO CRUZ
REGISTRO ACADÊMICO Nº. 2006174/9**

Brasília/DF, junho de 2006.



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS FASA
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO: JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA ACADÊMICA
PROFESSOR ORIENTADOR: LUZIA GIFFONI**

PROGRAMAÇÃO EDUCATIVA INFANTIL: UMA POSSIBILIDADE NÃO EXPLORADA

DAISY SHARON DE ARAÚJO CRUZ

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social, da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FASA, do Centro Universitário de Brasília - UniCeub, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo.

Brasília/DF, junho de 2006.

CRUZ, DAISY SHARON DE ARAÚJO

**PROGRAMAÇÃO EDUCATIVA INFANTIL:
UMA POSSIBILIDADE NÃO EXPLORADA**

Monografia apresentada ao UniCeub, para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo.



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS FASA
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO: JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA ACADÊMICA
PROFESSOR ORIENTADOR: LUZIA GIFFONI**

PROGRAMAÇÃO EDUCATIVA INFANTIL: UMA POSSIBILIDADE NÃO EXPLORADA

Brasília/DF, de junho de 2006.

Banca examinadora

Profa. Luzia Giffoni
Orientadora

Blanca Lazarte

Bruno Reis

Dedico esta monografia ao meu irmão Wallisson, que se foi e deixou a saudade e a esperança do reencontro. Dedico também à todas as pessoas que amo, e estiveram sempre ao meu lado, me dando forças para não desistir.

Agradeço a minha família, que mesmo com todas as limitações, não poupou esforços em me dar o apoio necessário para que eu chegasse ao fim de mais uma etapa importante da minha vida.

Aos professores do UniCeub, que me proporcionaram a oportunidade e o prazer de aprender um pouco mais.

A todos os meus amigos que me deram apoio e foram compreensivos comigo durante o período da elaboração da monografia.

A minha orientadora Luzia Giffoni, que me transmitiu conhecimentos valiosos, e sempre me deu apoio e motivação. Além de ter sido uma pessoa muito compreensiva.

E agradeço especialmente a Deus, por ser o autor da minha vida, e ter me dado a oportunidade de iniciar e concluir esse curso. E tenho certeza

que se não fosse por ele, eu não seria a metade do que sou.

*“De tudo ficam três coisas:
a certeza que estamos sempre começando,
a certeza de que precisamos continuar
e a certeza de que seremos interrompidos antes de terminar.
Portanto devemos:
Fazer da interrupção um caminho novo,
da queda um passo de dança,
do medo uma escada,
do sonho uma ponte,
e da procura, um encontro”.*

Fernando Pessoa

RESUMO

O que se pretende abordar na pesquisa sobre a televisão educativa insere-se no propósito de proporcionar uma reflexão mais aprofundada sobre a influência da TV na educação.

Os meios de comunicação, dentre eles a televisão, são hoje não apenas veículos, mas o local onde se discutem temas polêmicos que interessam à sociedade. Com isso, a temática televisão e escola tem mostrado ser uma preocupação prioritária de grande parte das pessoas que se interessam pela educação.

Isso porque, atualmente, a realidade que nos cerca passou a ser conhecida e reconhecida a partir da mídia, principalmente a televisão. Logo após o surgimento da TV, a necessidade de se ter uma boa audiência a qualquer custo, sem existir uma preocupação com o que se é transmitido, passou a determinar a programação da televisão brasileira. Foram surgindo vários tipos de programas, mas poucos foram os que se preocuparam realmente com a educação das crianças do nosso país.

As crianças costumam assistir a todos os programas que estão no ar, desde os chamados educativos até os que são produzidos para os adultos. Portanto, nossa reflexão tem que levar tal fato em consideração. Qual o papel que cabe, hoje, a televisão, diante dessa realidade?

Desligar a TV e fechar os olhos para o que está acontecendo na cena do mundo real não seria a melhor solução. Sabemos que as crianças passam mais tempo em frente à TV do que em qualquer outra atividade, portanto, se é verdade que a televisão não objetiva ensinar, é também verdade que as crianças aprendem com ela. E com isso, constroem suas próprias expectativas sobre o que fazer e como fazer e, além disso, desenvolvem atitudes que muitas vezes reproduzem esteriótipos de comportamento.

A violência, a grande quantidade de informações fragmentadas, as mulheres-objetos que a televisão mostra e a transformação dos produtos culturais em mercadoria acabou substituindo um conjunto de conteúdos de programas que poderiam ser um estímulo para a imaginação, para a aprendizagem e para a vida. A televisão poderia representar uma chance para o crescimento social e pessoal para as crianças.

Uma forma de tentar melhorar a televisão brasileira seria se os profissionais atuantes nessa área fizessem um estudo sobre quem realmente é a criança que vê a TV. É importante que a criança receba mais atenção por parte dos profissionais da mídia e, também, por parte do governo, que acaba não exigindo o efetivo cumprimento da legislação, a respeito do que se deve ou não passar na programação televisiva. Sabemos que a TV exerce grande influência sobre a sociedade e, portanto, deveriam existir muito mais programas destinados ao público infantil, levando em consideração que as crianças costumam imitar o que vêem.

Porém, infelizmente, não é sempre que se vê um bom programa infantil na TV aberta. Existem algumas emissoras que ignoram o público infantil, e existem outras que transmitem programas que dizem ser infantis, mas na verdade exibem uma programação nada, ou quase nada educativa.

Apesar de todas as questões levantadas sobre o tema, podemos chegar a imaginar que é um assunto que nunca acabará, porque sempre surgirão novas dúvidas e novos questionamentos. Portanto, cabe a nós continuarmos na tentativa de melhorar a programação infantil, por mais que seja difícil e haja obstáculos, buscando sempre coisas novas e, principalmente, a conscientização da sociedade. Assim, talvez possamos considerar a televisão um meio provedor de experiências que são necessárias para a aprendizagem da criança.

Palavras-chave: televisão, educação, criança.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

1.1 Tema e delimitação do tema.....	02
1.2 Problema de Pesquisa.....	02
1.3 Justificativa.....	02
1.4 Objetivos	
1.4.1 Gerais.....	03
1.4.2 Específicos.....	03
1.5 Hipótese.....	03
1.6 Metodologia.....	04

2 HISTÓRIA DA TELEVISÃO EDUCATIVA

2.1 Surgimento da Televisão Educativa.....	05
2.2 A televisão educativa e os dias atuais.....	07

3 PROJETO DE LEI Nº 3273 DE 2004 E ART. 221 DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988

4 AS EMISSORAS E SUA PROGRAMAÇÃO INFANTIL.....	14
---	-----------

5 PROPOSTAS PARA A PROGRAMAÇÃO INFANTIL EDUCATIVA

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
----------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	23
--	-----------

1 INTRODUÇÃO

1.1 Tema e delimitação do tema

O tema desta monografia é Televisão Educativa. O assunto refletirá sobre uma perspectiva em relação ao futuro da educação no Brasil por meio da televisão aberta, dando ênfase a uma sociedade mais informada.

1.2 Problema de pesquisa

As emissoras da televisão brasileira estão cumprindo o Art. 221 da Constituição Brasileira, onde diz que 20% da programação televisiva (quatro horas diárias) deveriam ser destinados à programações educativas?

1.3 Justificativa

A televisão no Brasil, desde sua criação, nunca pôde ser considerada um meio de comunicação destinado à formação da sociedade, muito pelo contrário, foi criada com intuito de empreender comercialmente. Sempre esteve na esfera de exploração do direito privado e, com isso, desenvolveu-se de forma bastante liberada, onde as emissoras começaram a traçar uma programação mais voltada ao entretenimento, com parâmetros comerciais, visando principalmente o mercado de consumo. O principal objetivo da TV sempre foi a sustentação empresarial e a lucratividade, além da competitividade que operam suas programações, sem limites ou obrigações, no que diz respeito ao seu conteúdo.

A televisão tem sido considerada um meio de comunicação que exerce grande influência sobre a sociedade. Segundo Bezerra (1999, p.13), “a televisão se constitui em um meio de suma importância quanto às possibilidades de o ser humano ter acesso à informação e à educação”. Mas o que podemos observar é que, se formos analisar a programação da televisão brasileira, no que diz respeito a programação educativa, notaremos que sua participação não tem suprido as necessidades básicas de um país como o Brasil, principalmente em áreas relacionadas à educação.

1.4 Objetivos

1.4.1 Geral

A pesquisa pretende avaliar a programação da televisão brasileira, no que diz respeito a educação, visto que na situação em que se encontra a programação infantil atual se faz necessária uma atenção especial dos meios de comunicação de massa, como também da sociedade, oferecendo subsídios para que possamos compreender melhor como está sendo feita a programação infantil da TV, e o que pode ser feito para melhorá-la, envolvendo temas que tratam da filosofia da televisão educativa no Brasil.

1.4.2 Específicos

Os objetivos específicos para esta monografia visam:

- Permitir que o leitor tenha um contato extenso, aprofundado e oportuno no que diz respeito à reflexão atual sobre a relação da televisão com a educação infantil.
- Ajudar o leitor a compreender um fenômeno bastante complexo, que é a relação da televisão com a educação.
- Ajudar as pessoas interessadas no tema a construir referências que são importantes nas ações educativas, visto que elas são indispensáveis à formação e qualidade de vida das crianças.

1.5 Hipótese

A hipótese defendida é a de que a televisão brasileira não possui um interesse em mudar sua programação para que seja mais educativa e, além disso, não cumpre o Art. 221 da Constituição Federal, de 1988 e o Projeto de Lei 3273/2004 que, apesar de não ainda estar em vigor, serve de base para a programação das emissoras.

1.6 Metodologia

O método utilizado na pesquisa que se segue é o “método bibliográfico”, que é a atividade de localização e consulta de fontes variadas de informações escritas, com o objetivo de coletar materiais mais específicos a respeito de determinado tema. Segundo Correia Lima (2004, p.38), “pesquisar no campo bibliográfico é procurar no âmbito dos livros e documentos escritos as informações necessárias para progredir na investigação de um tema de real interesse do pesquisador”.

Tal método foi escolhido pelo fato de os textos teóricos assumirem uma importância fundamental na justificativa dos problemas e das hipóteses que irão ser analisadas. Para isso, será necessária uma pesquisa aprofundada de vários autores, principalmente os mais renomados na discussão da questão explorada como problema, autores que em suas produções tenham publicado conteúdos que sirvam de base para fundamentar a discussão teórica. Além disso, é de suma importância também explorar o material e saber articular as idéias que permitam dispor de elementos que concretizem o nível analítico da questão (LIMA, 2004).

A pesquisa será baseada no método qualitativo, seguindo os preceitos do método *survey* longitudinal, que segundo Correia Lima (2004, p. 27):

É utilizado quando uma investigação se compromete a investigar a evolução ou as transformações, ou ainda as mudanças ocorridas em determinadas variáveis no curso de diferentes espaços de tempo.

Portanto, podemos dizer que o método qualitativo é uma forma de realizar uma pesquisa empírica sobre um determinado fenômeno, esteja ele em curso, ou em caráter real. No caso da pesquisa, será feita uma análise sobre a atual situação da televisão brasileira, no que diz respeito a educação. Tal método permite que o pesquisador tenha uma visão profunda e minuciosa sobre a realidade social investigada (LIMA, 2004).

2 HISTÓRIA DA TELEVISÃO EDUCATIVA

2.1 Surgimento da Televisão Educativa

A televisão surgiu no Brasil por volta da década de 50, e a primeira emissora educativa que entrou no ar foi a TV Universitária de Pernambuco, na década de 60 e, logo após, começaram a surgir várias outras emissoras com programações totalmente educativas e pedagógicas. Porém, foi só em 1972 que o Ministério da Educação e Cultura criou o PRONTEL (Programa Nacional de Teleducação). Em 1978, houve a primeira iniciativa da TVE (TV Educativa) do Rio de Janeiro de se tentar montar um sistema nacional de emissoras educativas. Portanto, tal tentativa não teve sucesso e a rede serviu apenas para transmitir a Copa do Mundo de 1978 (ABEPEC, 2006).

No Rio de Janeiro, a história da Televisão Educativa começou com o surgimento da TVE (TV Educativa), na década de 1960, uma época em que só se faziam programas ao vivo, por causa da falta de recursos existente. A tela era em preto e branco, onde os professores eram os atores da cena, numa espécie de sala-de-aula eletrônica. A TVE só teve uma reformulação em 1995, quando surgiu uma nova proposta de produção (BEZERRA, 1999).

A televisão veio para a sociedade como um meio de comunicação necessário para a transmissão de entretenimento, informação e cultura. Além disso, tornou-se um elo de ligação entre todos os indivíduos do mundo inteiro. Foi a partir daí que começou a universalização da cultura e o desejo das pessoas de que a TV passasse, então, a dar acesso à instrução e à educação (SOIFER, 1992).

Tais expectativas cumpriram-se em parte. Segundo a autora Raquel Soifer (1992, p.10), “a deturpação da missão cultural em nome de um suposto benefício comercial constitui, em muitos países, um fato desejável e inquietante”. Diz ainda que “esses fenômenos abarcam tanto a esfera do individual, seus aspectos físicos e psíquicos, como o familiar e, inclusive, o social”. Isso significa que a televisão, de uma certa forma, acaba por produzir um decréscimo da atenção que cada membro da família poderia dispensar ao outro. Além disso, pelo fato de as crianças

assistirem as programações dos adultos, elas acabam sendo atingidas indiretamente na formação de suas personalidades. Isso acontece porque a grande parte da programação televisiva é direcionada à temas de violência, em todos os seus aspectos, seja a delinquência, ao sexo ou até mesmo à pornografia.

A televisão acabou tornando-se, para as crianças, uma espécie de “babá eletrônica”. Isso acontece porque os pais colocam a criança desde os primeiros meses de vida em frente à televisão, com o objetivo de tranquilizá-la. Portanto, é necessária, neste caso, uma reflexão sobre tal atitude e, por outro lado, de acordo com Soifer (1992, p10) “é conveniente que se reflita se é justo e saudável retirar a atenção de uma criança para dedicá-la ao programa de televisão”.

2.2 A televisão educativa e os dias atuais

Com o crescimento do número de emissoras, ficou cada vez mais evidente a preocupação com a audiência a qualquer custo, sem se preocupar com a qualidade da programação transmitida. Logo após o surgimento das emissoras de TV, deu-se início à banalização da violência, do sexo, da discriminação e do preconceito, ao mesmo tempo em que os valores culturais, éticos e humanos foram diminuindo. A falta de regulamentação acabou provocando excessos e colocou a qualidade da TV em discussão na pauta da agenda social do país. Portanto, a sociedade começou a se preocupar mais com a televisão, de forma que ela pudesse valorizar o público não somente como consumidor, mas fundamentalmente como cidadão (CARMONA. 2005).

Segundo Strausburger (1999, p.19), “a televisão é uma mídia poderosa e as pessoas jovens são singularmente suscetíveis a ela. Estudos têm demonstrado a capacidade da televisão em transmitir informações e moldar atitudes sociais”.

Além de entendermos o que está correto sobre o modo como a televisão influencia jovens espectadores, é importante tentarmos entender o modo como a televisão funciona. Para Strausburger (1999, p. 22), “a vasta maioria da influência da televisão é indireta, sutil e cumulativa - não imediata e direta”. As crianças brasileiras, muitas vezes são vistas como consumidores pela televisão e os programas produzidos para elas geralmente estão mais preocupados com os interesses comerciais do que com os aspectos sociais ou educacionais.

De acordo com as declarações de Carlsson (2002, p. 439), “às vezes tem-se a sensação de que há uma oposição entre mídia e educação; a mídia não é o meio apropriado para educar, ela não desempenha nenhum papel na educação”.

Uma grande parte dos programas de TV apresentados para crianças são formados por desenhos animados, filmes ou programas estrangeiros, que ensinam culturas diferentes da nossa e, geralmente, usam uma linguagem que não são boas para o vocabulário das crianças. Isso acaba prejudicando a formação de seus

conhecimentos idiomáticos e, além disso, prejudicam o tempo que elas poderiam estar aproveitando com a leitura (SOIFER, 1992).

Os desenhos animados, em sua maioria, utilizam-se de personagens que são maus e cruéis, além do sexo estar sempre presente em cenas que, absurdamente, passam em pleno horário livre (SOIFER, 1992).

Raquel Soifer (1992) explica ainda sobre as telenovelas brasileiras, que passam para os telespectadores (dentre eles as crianças) um mundo onde a luxúria, a violência e o erotismo são temas predominantes. O percentual de programas educativos é ínfimo, e a televisão não tem se preocupado em mostrar programas culturais que ofereçam informação. E enquanto isso, as crianças aprendem cada vez mais a reproduzir o que passa na programação.

O que acontece na realidade é que o público não tem muita escolha, as pessoas estão acostumadas com a programação um tanto quanto desinformativa que passa na televisão, não que tenha sido uma escolha livre. Segundo Soifer (1992, p. 39):

Se de 12 ou mais horas de programação, 10 têm essas características...o lógico é que se forme o hábito, principalmente em um espetáculo que, pelas características expostas, cria dependência, ou seja, submissão. [...] Há países onde esta é a situação, o que significa que isso é possível e que a afirmação de que se apresentam programas de terror e erotismo porque o público pede constitui uma falácia.

Segundo Bezerra (1999, p. 24), o espaço dos programas ditos educativos deveria ser maior do que os das novelas, shows e filmes, por exemplo. Principalmente porque o que mais se vê como conteúdo destes é um misto de sexo, violência e desrespeito aos valores da família brasileira, incluindo-se os direitos da criança.

De acordo com Bezerra (1999, p.14), “nos dias atuais é clara a necessidade de que se tenha uma população realmente esclarecida e “antenada” com a

democratização dos canais de comunicação e do seu aparato tecnológico, numa perspectiva política da educação para os meios”.

Pais, professores e especialistas discutem, hoje em dia, sobre a violência que atinge as crianças, tentando entender qual a relação que existe entre a violência na TV e a violência praticada nas escolas. Com relação a isso, é preciso que a sociedade chegue a uma conclusão sobre os resultados que as cenas de violência na TV proporcionam à formação da personalidade da criança. Será que a violência praticada na escola não é, talvez, resultado do que se vê na televisão? Segundo Bezerra (1999, p. 33), “hoje deparamos com programas feitos para crianças em que a moral da história é a de que o crime compensa, o herói preferido é aquele que mata mais e o sofrimento alheio é uma consequência inevitável”.

Além disso, o sexo, a cada dia que passa, ganha mais espaço na televisão brasileira. Segundo Bezerra (1999, p. 42):

A impressão que dá é a de que os responsáveis pela programação da maioria das emissoras resolveram fazer da TV um grande bordel, resgatando a mais antiga das profissões, utilizando seus (suas) apresentadores (as), atores e atrizes como se fossem profissionais do sexo ofertando-os aos telespectadores em doses cavalares de sexo virtual.

Quase sempre quando ligamos a televisão, o que vemos são cenas eróticas. Rebolados e danças eróticas nos programas de auditório, cenas de nudez nas novelas, que mostram desde o ato da conquista até o ato do sexo em si. Até pouco tempo atrás, nos poucos programas infantis existentes, víamos crianças sendo incitadas a imitar seus ídolos, dançando a tão conhecida “dança da garrafa”. Nesse caso, cabe as pessoas refletirem um pouco mais sobre a influência da televisão na educação de nossas crianças, que têm suas mentes violadas por programas de tão pouca qualidade (BEZERRA, 1999).

De acordo Pacheco (1998, p.113), “o corpo infantil eleito para habitar as telas da televisão é cada vez mais um corpo que se faz precocemente erotizado, segundo uma gestualidade que capta um desejo adulto, o desejo, sobretudo da mulher adulta”. O que acontece é que as pessoas têm o desejo de afirmar sempre sua

sexualidade, e de mostrar a beleza e a juventude que parecem ser eternas. E o pior de tudo: em horário livre.

Segundo Feilitzen (2000, p. 14), “a tentação de controlar, de alguma forma, esta investida violenta da mídia – que não se limita a programas de televisão, mas está disponível em jogos eletrônicos, cinema, filmes e materiais via internet – é muito forte”. Muitas sociedades nos países em desenvolvimento ainda não alcançaram estágios avançados de modernização, sendo assim, o que os jovens têm visto na televisão pode ainda não ter sido absorvido por seus pais, que podem ter sido criados sem uma televisão, ou então com uma presença muito menor dela. Para Feilitzen (2000, p. 16), “o que pode ser feito em relação à violência na mídia é usar a autodisciplina e a auto-regulação na mídia”. Além disso, a programação deve manter padrões sociais e artísticos adequados. As soluções podem vir também da família, já que sua influência muitas vezes prevalece.

De acordo com Feilitzen (2000, p. 16), “é importante que instituições sociais e educacionais em todo o planeta juntem-se em um esforço cooperativo para entender melhor por que a violência penetra em nossas casas”. Por isso, é muito importante que as instituições procurem formas de controlar positivamente as vantagens que a televisão tem, e as novas tecnologias de informação. Assim, todas as crianças e adolescentes poderão ter melhor acesso às oportunidades educacionais e sociais, beneficiando-se das fontes intelectuais disponíveis.

Um grande problema presente na televisão brasileira é que ela é cada vez mais vista como forma de mercado, sempre patrocinada e dominada por anunciantes. A mídia, que muitas vezes esquece das crianças, poderia muito bem estimulá-las, informá-las e ir ao encontro de sua enorme criatividade e empatia. Mas o que acontece é que ao invés de aumentarem os recursos para esse tipo de programação, eles estão ficando cada vez mais escassos.

Mas, como poderíamos ajudar os jovens a entender e usar a mídia? O essencial seria oferecer à criança e ao adolescente a oportunidade de procurar, receber e partilhar informações e idéias de todos os tipos, independentemente de fronteiras, oralmente, por escrito ou na forma impressa ou de arte, ou por meio de

qualquer outro meio escolhido pela criança. “Visto de uma perspectiva holística, também é necessário considerar os fatores culturais, sociais e familiares que determinam o temperamento de uma criança”. Além disso, é importante estabelecer as bases para as crianças e os jovens poderem compreender as melhores formas de agirem em seu mundo (FEILITZEN, 2000\z).

3 PROJETO DE LEI Nº 3273 DE 2004 E ART. 221 DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988

Apesar de existirem um grande número de estações de TV, os programas educativos ainda não atingiram a maioria da população do Brasil. Até mesmo grandes capitais não possuem ainda uma estação de televisão educativa. Existem alguns fatores que contribuem para isso, como as restrições à veiculação de publicidade e a limitação orçamentária dos Estados que estão ligados às emissoras de TV. Outro fator preocupante é a falta de programações educativas direcionadas à realidade das crianças e a pouca quantidade de programas, gerados pelas emissoras, destinados à educação infantil. Como a televisão é um meio de comunicação que exerce grande influência sobre a sociedade, e como sabemos que as crianças fazem parte de tal sociedade, está tramitando desde 2004, o Projeto de Lei nº 3273, que apóia a televisão educativa. Tal projeto diz que uma parte do tempo da televisão deveria ser destinado à programações educativas.

A proposta seria de que 20% do tempo de cada emissora privada fosse preenchido com programações exclusivamente educativas, o que corresponderia a quatro horas diárias, e esse tempo seria contabilizado como parte dos impostos das emissoras de TV, que deixariam de pagar os impostos com dinheiro e passariam a pagá-los por meio da produção e transmissão dos programas educativos (isenção fiscal), que seriam transmitidos diariamente. A produção deveria ficar a cargo de instituições privadas, para que a qualidade da produção não fosse comprometida (ABERT *apud* Projeto de Lei nº 3273,2004).

Existe ainda o Art. 221, da Constituição Brasileira, que declara:

“Art. 221. A produção e programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios:

- I – preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;
- II – promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua programação;
- III – regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;

IV – respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família” (BEZERRA, 1999, p.23).

4 AS EMISSORAS E SUA PROGRAMAÇÃO INFANTIL

Os bons programas infantis que passam na TV aberta atualmente são raríssimos. Existem emissoras como Rede TV, Band e CNT, que ignoram o público infantil. Essas emissoras não se preocuparam em colocar em suas programações sequer um programa destinado às crianças. O que acontece na realidade é que elas são contratadas apenas para fazerem propagandas de produtos infantis ou realizar atividades que dizem ser educativas, mas na verdade não são. As crianças são incentivadas a imitarem danças sensuais, ou a reproduzir músicas que têm duplo sentido. Com isso, muito precocemente, elas começam a conhecer o mundo da erotização. A maioria das programações, como o *Bom dia & Cia*, do SBT e *Fábrica Maluca*, da Record, não possuem muito conteúdo (ALDÉ, 2003).

Uma das principais características da Rede Globo sempre foi o entretenimento, porém, em alguns momentos surgiram ou surgem programas com caráter educativo. Porém, apesar dessa preocupação em manter os programas infantis, a Globo dificilmente investe em mais de um programa ao mesmo tempo.

O destaque atualmente está voltado para o *TV Xuxa*, que é uma espécie de “emissora” de TV que mostra diferentes programações, como o *Notícia da Hora*, um noticiário que informa sobre os últimos acontecimentos. Na programação também está incluído o *Tema no Mundo*, onde a apresentadora mostra o que está acontecendo no planeta. Além disso existem brincadeiras e desenhos que, na maioria das vezes, não possui um conteúdo pedagógico adequado.

Xuxa iniciou sua carreira na década de 80, quando estreou o *Clube da Criança*, programa da TV Manchete, emissora que hoje está extinta. A estréia de Xuxa causou muitas polêmicas na época, visto que ela era considerada um símbolo sexual. A apresentadora deu início a uma programação de sucesso, com muitas brincadeiras, músicas e desenhos, porém, nada educativa (MAIOR, 2006).

Logo após, Xuxa foi para a Rede Globo, onde estreou o *Xou da Xuxa*. Desde então, a apresentadora tornou-se um ícone para o público infantil. Depois então, fez o *Planeta Xuxa*, programa mais direcionado aos adolescentes. Quando rompeu sua

parceria com a empresária Marlene Mattos, em 2002, voltou a fazer programas direcionados às crianças, e lançou o *Xuxa no Mundo da Imaginação*. Porém, o programa não obteve muito sucesso. (MAIOR, 2006)

Hoje, Xuxa apresenta o *TV Xuxa*, que está no ar desde maio deste ano. Porém, assim como nos primeiros anos de sua carreira, a apresentadora ainda permanece muito distante do que seria uma programação educativa (KLINGER, 2006).

O *TV Xuxa*, mesmo com pouco tempo de estréia, já passou por uma reformulação, que ainda deixou a desejar. Foram incluídos novos quadros, porém seguindo o mesmo ritual de sempre: jogos, músicas e desenhos, além de disputas que não acrescentam em nada (KLINGER, 2006).

O único quadro da programação que se sobressai, por ser pedagógico, é o dos bichos, que ensina às crianças sobre o mundo dos animais. Mas por outro lado, não tem se mostrado muito inovador, por ser uma espécie de réplica do programa que era apresentado por Eliana há alguns anos atrás, na Rede Record (KLINGER, 2006).

Apesar de a programação ainda ter muito conteúdo educativo, isso não quer dizer que não existam chances para melhorar. O que acaba atrapalhando é que ainda não existe um público alvo específico. Há a mistura de explicações sobre o funcionamento de um computador e, ao mesmo tempo, apresentações de bonecos e fantoches (KLINGER, 2006).

Na programação da TVE (TV Educativa), que é uma TV pública, podemos destacar grandes clássicos como *Mundo da Lua*, *Ilha Rá-Tim-Bum*, que é uma grande obra feita pelos mesmos produtores do *Castelo Rá-Tim-Bum*, que foi um grande clássico dos anos 90, *A Turma do Pererê*, que é um programa criado por Ziraldo, e onde os personagens fazem as cenas baseadas no folclore nacional. A TVE se destaca das outras emissoras, no quesito educação, por ser uma emissora onde são as próprias crianças que interpretam as cenas, explorando as descobertas feitas por elas no mundo infantil. Isso contribui muito para o desenvolvimento da criança, que acaba aprendendo a questionar criar e imaginar. A característica

pedagógica tornou-se, então, bastante evidente nas programações da TVE (ALDÉ, 2003).

A TVE é a única emissora da TV aberta que não tem finalidade comercial, e cumpre os critérios de educação e cultura. Seus maiores problemas estão relacionados à falta de estrutura e recebimento de verbas para manter uma programação rica.

Portanto, apesar de a TVE ter uma programação infantil educativa, não tem um Ibope alto, talvez pelo fato de a maioria das pessoas terem o hábito de procurar na TV apenas distração e divertimento, ou pensar que os programas educativos não podem ser divertidos. Enquanto a TV pública vem procurando melhorar a cada dia, a TV privada tem mostrado que não se importa em procurar soluções para ser mais útil, ser educativa e sedutora ao mesmo tempo (ALDÉ, 2003).

O SBT também não possui uma programação voltada para a educação. Dentre os programas infantis, hoje a que mais se destaca é o *Bom Dia & Cia*, que estreou na emissora em 1993. Na época, era apresentado por Eliana, e tinha uma programação mais inovadora do que a atual, composta por desenhos e pelo chamado Robô Flitz, que geralmente falava sobre reciclagem e ecologia, dentre outros temas educativos (INFANTV, 2006).

Em 1996 o programa passou a ser chamado de *Eliana & Cia*, porém com a programação bem parecida com a anterior. Em 1999 Eliana saiu, e em seu lugar ficou a apresentadora Jackeline Petkovik, e o programa voltou a ser chamado de *Bom Dia & Cia*. A programação não tinha um bom conteúdo, e não era diferente das que já conhecemos, com desenhos animados e algumas brincadeiras nada educativas (INFANTV, 2006).

Hoje, o programa é apresentado por Priscila Alcântara, Yudi Tamashiro e pela professora de dança Ítala Matiuzzo. A programação também não mudou muito, e é voltada para um público bastante amplo, o que acaba sendo um ponto negativo. A maioria dos desenhos não são politicamente corretos e não são educativos, além de os conteúdos não explorarem o que seria pedagógico.

5 PROPOSTAS PARA A PROGRAMAÇÃO INFANTIL EDUCATIVA

Apesar dos problemas apresentados na programação da televisão, sabemos que a TV poderia cumprir um papel muito importante no que diz respeito a educação, por ter a capacidade de mostrar aspectos reais da vida cotidiana, que nem sempre são acessíveis à toda sociedade. A TV poderia servir de estímulo para que as crianças pudessem conhecer a realidade mais profundamente.

Para se ter uma programação infantil de fato educativa, melhor seria que o governo brasileiro tomasse a iniciativa de fazer constar na grade curricular do ensino médio um estudo mais aprofundado da mídia eletrônica, em especial, da televisão. Segundo Bezerra (1999, p.119), “a implementação dessa iniciativa poderia se dar pela criação de uma disciplina específica, ou do aproveitamento de outra já existente, cujo conteúdo programado estivesse voltado para o tema da construção da cidadania entre jovens e adolescentes”. Deste modo, a cidadania seria exercida por meio da televisão, que é um meio de comunicação detentor de grande poder.

Outro ponto importante é a maneira como os profissionais da televisão atuam. Seria importante que eles parassem para analisar quem realmente é a criança que vê a TV. Segundo Pacheco (1998, p.65), “a criança que assiste à TV recebe um tipo de representação que acaba se refletindo no desenvolvimento e na continuação dos papéis representados na sociedade”. Portanto, é importante que a criança receba mais atenção por parte dos profissionais da televisão e, também, do governo, que não tem exigido claramente o que está sendo proposto pela legislação, em termos de o que se deve ou não deve passar na programação da TV. “Vemos uma discussão nesse sentido, mas o tema é complicado, pois não se tem clareza ou opiniões definitivas sobre a influência da TV nas crianças”, declarou Bezerra (1998, p.66). Portanto, todos temos consciência de que essa influência existe e é grande e, por isso, deveriam haver muito mais programações e produções específicas para o público infantil, levando em consideração que elas costumam imitar tudo o que vêem na telinha. De acordo com Bezerra (1998, p.66), “a TV deveria estar atenta para essa influência, porém isso não acontece”. A infância é a fase da aprendizagem, e a TV deveria mostrar em sua programação a possibilidade e a necessidade de educação, no sentido clássico da formação, ensinando, por exemplo, atos de

higiene, regras de bom comportamento, normas éticas, além de informações básicas dos saberes e habilidades relacionadas a saber ler, escrever ou até mesmo contar (PACHECO, 1998, p.113).

De acordo com Burke (1971, p. 21), “um dos principais valores da televisão é poder permitir o estabelecimento de novas relações entre os recursos humanos de um sistema educacional, multiplicando assim seu valor e eficiência”. Por ser um meio de comunicação detentor de grande poder, a televisão poderia também influenciar às escolas a implantar novos sistemas de educação, como o ensino em equipe, ou criar novos currículos. Portanto, a televisão não tem sido considerada como um instrumento do educador, e não poderá preencher um papel funcional na educação enquanto não for aplicada pelas pessoas que são responsáveis por estabelecer os objetivos da educação e dos problemas que dificultam o alcance de tais objetivos (BURKE, 1971).

Por mais que a televisão não possa substituir o professor convencional, ensinar com o auxílio da TV é sempre muito bom e pode ser considerado uma espécie de ensino em equipe, principalmente nos casos da televisão fechada. Portanto, as programações deveriam estar sempre buscando atingir a maior audiência possível do horário nobre, com uma transmissão altamente educativa (BURKE, 1971).

Para Carlsson (2002, p. 332), “a participação real das crianças na televisão acontece quando buscamos qualidade em nossas produções. Programas que combinem criatividade, educação e entretenimento e que respeitem a inteligência das crianças são desafiadores”. Essa participação inclui fazer com que os produtores consigam entrar de verdade no universo das crianças e adolescentes, contribuindo positivamente para a aprendizagem, para o estímulo à curiosidade e, também, para que as crianças sejam bem informadas sobre a realidade.

Carlsson (2002, p.439) ainda diz que “os pais da geração de hoje freqüentemente não aceitam o fato de que seus filhos estão mais familiarizados com a mídia do que com eles próprios, que as crianças conhecem mais toda a programação da TV do que seus pais”. Apesar de tudo isso, existe ainda a

necessidade de as crianças serem melhores orientadas sobre a mídia, sobre a forma como elas desenvolvem sua própria consciência crítica no que diz respeito ao que as mensagens da mídia estão querendo dizer, da informação que a mídia não está dando, ou o que ela tenta esconder ou desviar, do que ela quer dizer com o uso de certas palavras e quais são as orientações gerais da mídia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o artigo 221 da Constituição Federal de 1988, entendemos que o papel social da TV seria destinar parte do tempo da programação para finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas. No entanto, percebemos que o número de programas educativos infantis ou o número de emissoras que cumprem a lei é uma minoria absoluta. Segundo a Constituição Brasileira, a programação deveria incluir um espaço comercial dedicado à campanhas educativas, institucionais, comunitárias, beneficentes, esportivas e culturais. E quando se fala em papel social da TV, sempre ouve-se falar que a educação é prioridade. Entretanto, cabe a nós refletirmos se as emissoras estão quitando ou não sua dívida com a responsabilidade social da TV, no que diz respeito a programação educativa infantil (Bezerra, 199, p. 24).

Se realmente o Projeto de Lei 3273/2004, que ainda está tramitando na Câmara Federal, e o Art. 221 da Constituição Federal de 1988 forem seguidos a risca, com certeza a televisão se tornará um excelente meio de informações que edificará o público infantil, e não extinguirá mais o que ainda existe de bom em nossa cultura e educação. Segundo Pacheco (1998, p. 7) “o debate está longe de se esgotar ou perder o interesse...as questões não só ainda não foram respondidas a contento, como não cessam de se recolocar”. Esse trabalho mostrou que a televisão não está cumprindo o que regulamenta o Art. 221 da Constituição Brasileira, no que diz respeito a programação educativa infantil, e não está preocupada em atender o que está sendo proposto pelo Projeto de Lei 3273/04 que, apesar de ainda não estar em vigor, serve de base para as emissoras.

O que acontece hoje, é que o Brasil está vivendo em uma época revolucionária, onde as novas tecnologias da informação estão tomando cada vez mais espaço. Com isso, a mídia, ao invés de utilizar o espaço disponível com programações educativas infantis, está criando no telespectador cada vez mais a necessidade do consumo de supérfluos. Por consequência, as crianças estão tendo mais acesso à produções “descartáveis”, do que a diversidade de programas culturais que a televisão poderia proporcionar a elas. Sabemos que as crianças muitas vezes copiam da TV materiais que servem para organizar suas experiências,

como se fosse um espelho. Portanto, é aí que temos que pensar: por que não enriquecer mais a televisão com temas educativos? Sabemos também que crianças se apegam à cenas que descrevem processos onde possam participar. Mas infelizmente, a televisão de hoje parece ser mais um meio de comunicação que incorpora as energias das crianças do que um meio que transmite informações. O que acontece é que os poucos programas infantis que existem buscam apenas formar crianças consumistas, sem a mínima preocupação com a informação e ao direito à cultura. (Pacheco, 1998)

Como sabemos, um dos maiores problemas presentes na televisão brasileira é que ela é cada vez mais vista como forma de mercado, sempre patrocinada e dominada por anunciantes. A mídia, que muitas vezes esquece das crianças, poderia muito bem estimulá-las, informá-las e ir ao encontro de sua enorme criatividade e empatia. Mas o que acontece é que, ao invés de aumentarem os recursos para esse tipo de programação, eles estão ficando cada vez mais escassos.

Seria muito bom se a televisão cumprisse a risca a legislação e produzisse programas direcionados à educação infantil, que educassem para a vida e para a convivência, com uma programação informativa. Sabemos que capacidade e modelos para que isso aconteça existe mas, infelizmente, ainda falta a conscientização dos grandes empresários, que são os maiores detentores das emissoras de TV.

Muitas pessoas não entendem que crianças e adolescentes no mundo todo passam mais tempo em frente à televisão do que fazendo outras coisas, e é por isso que a mídia deveria estar mais preocupada com programas direcionados a formação da personalidade das crianças.

Portanto, a programação da TV brasileira deveria ser revista, levando em consideração que as informações sempre são transmitidas com uma carga muito grande de pornografia e violência, pois assim como a escola exerce uma grande influência sobre a formação da personalidade da criança, a TV também exerce e, portanto, deveria abordar temas que possibilitassem à elas desenvolverem

condições de se conscientizarem sobre a sociedade, obtendo, assim, uma corrente de informações que visam o desenvolvimento da capacidade crítica.

Sabemos que as emissoras abertas não oferecem a quantidade de programas educativos que deveria e, assim, chegamos a conclusão de que são poucos os programas de boa qualidade que existem em suas grades. Infelizmente, ainda há mais de irrelevante e descartável no ar do que coisas efetivamente importantes. A grande massa telespectadora do nosso país ainda está desprovida de uma programação educativa infantil de qualidade, pois é sempre mais fácil produzir sucesso com o sensacionalismo, ou com emoções baratas, jogos de auditório, ou sorteios de prêmios.

REFERÊNCIAS

ABEPEC. Associação Brasileira das Emissoras Públicas Educativas e Culturais. Disponível em: <<http://www.abepec.com.br/cunhalimaRlo.pdf>> Acessado em: 25 fev 2006.

ABERT. Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão *apud* Projeto de Lei Nº 3273, DE 2004. Disponível em: <<http://www.abert.org.br/parlamentar/PL3273-04.pdf>> Acessado em: 27 fev 2006.

ABRAMOVICH, Fanny. *O estranho mundo que se mostra às crianças*. São Paulo: Summus Editorial, 1983.

ALDÉ, Lourenzo. *Dá pra ver TV?* 2003. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal/materia.asp?seq=108>> Acessado em: 27 fev 2006.

MAIOR, Bruno. *Xuxa em Discussão*. 2006, Disponível em: http://www.aeso.br/oxente/anteriores/16/dezesseis_cultura_xuxa.phs Acessado em: 20 mai 2006.

KLINGER, Karina. *Crítica: Xuxa usa velha receita e adormece crianças*. 2006. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u59335.shtml> Acessado em: 20 mai 2006.

INFANTV. Bom dia & Cia. 2006. Disponível em: <http://www.infantv.com.br/bomdia.htm> Acessado em: 17 mai 2006.

BEZERRA, Wagner. *Manual do Telespectador Insatisfeito*. São Paulo: Summus, 1999.

BURKE, Richard C. *Televisão educativa: uma nova e arrojada aventura*. São Paulo: Cultrix, 1974.

KETTLE, Loriza. *Na terra do pirlimpimpim*. Disponível em: <<http://www.canaldaimprensa.com.br/canalant/midia/vigprim/midia2.htm>> Acessado em: 22 mar 2006.

CARLSSON, Ulla. *A criança e a mídia*. São Paulo: Cortez, 2002.

CARMONA, Beth. 2005. *Mídia Ativa* *apud* Revista D´Art, Centro Cultural São Paulo. *TV pública no Brasil: um sonho possível*. Disponível em: <<http://www.midiativa.org.br/index.php/midiativa/content/view/full/1499>> Acessado em: 12 abr 2006.

FEILITZEN, Cecília Von. *A criança e a violência na mídia*. São Paulo: Cortez, 2002.

JESPERS, Jean-Jacques. *Jornalismo televisivo: princípios e métodos*. São Paulo: Minerva, 1998.

LIMA, Manolita Correia. *Monografia: A engenharia da produção acadêmica*. Saraiva, 2004.

PACHECO, Elza Dias (org.) *Televisão, criança, imaginário e educação*. Campinas, Papyrus, 1998.

PRIOLLI, Gabriel. *Difusão*. Disponível em: <<http://www.minc.gov.br/textos/olhar/radiotelevisao.htm>> Acessado em: 17 abr 2006.

REZENDE, Guilherme Jorge. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.

SOIFER, Raquel. *A criança e a TV: uma visão psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

STRAUSBURGER, Victor C. *Os Adolescentes e a Mídia: impacto psicológico*. Porto Alegre: Iglu, 1999.